

## **‘A FOME É A MESMA QUE VEM ME DESESPERAR’: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE DOR E (R)EXISTÊNCIA DO TRABALHO**

**Carolina Corbeceiri dos Reis<sup>1</sup>, Kathleen Tereza da Cruz<sup>2</sup>, Karla Santa Cruz Coelho<sup>2</sup>, Érika Fernandes Tritany<sup>2</sup>, Michele Ribeiro Sgambato<sup>2</sup>**

*<sup>1</sup>Graduanda de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil (carolina.corbeceiri@gmail.com)*

*<sup>2</sup>Docentes do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé.*

*Resumo: objetiva-se discutir sobre a assistência alimentar de indivíduos em situação de rua e os corolários deste contexto no Brasil, a partir de atividades do Grupo Tutorial (GT) da disciplina de Saúde da Comunidade II, do curso de Medicina da UFRJ, orientadas pelo debate de políticas de saúde, artigos, filmes, documentários e entrevistas a pessoas em situação de rua e profissionais de saúde. Os desafios atuais apontam para a importância de fortalecer esse debate na formação em saúde e na sociedade, visando o combate a preconceitos e opressões e empoderamento deste grupo, fortalecendo o cuidado em saúde a esta população.*

*Palavras-chave: Assistência Alimentar, Pessoas em Situação de Rua, Fome.*

### INTRODUÇÃO

A rua pode ser um lugar de encontros, de passagem, de locomoção, porém, para muitas pessoas ela se torna um local de permanência; de moradia. Nesse sentido, o ex-ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Patrus Ananias, diz: “É quando a rua torna - se significado de falta de opção, da perda da dignidade, da perda da esperança e, expressão doída da exclusão: lugar da invisibilidade” (BRASÍLIA, 2009). Não há um consenso na literatura sobre a definição do termo “Pessoas em Situações de Rua”, pois se trata de um termo genérico para abordar um complexo fenômeno com diversas causas, sendo comum fazer distinção das formas de permanência na rua, dividindo entre “as que ficam, as que estão e as que são da rua” (Vieira, 1992). Porém, neste trabalho será usada a definição sugerida pelo MDS: “Um grupo heterogêneo, que tem em comum a extrema pobreza, vínculos familiares fragilizados ou rompidos, a vivência de um processo de desfiliação social decorrente da ausência de trabalho assalariado e que assume a rua como espaço de moradia e sustento”. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo discorrer, principalmente, acerca do sustento na rua, sobretudo, no âmbito alimentar, o qual se mostra um tema central em meio à essa população.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um relato de experiência a partir de análises, debates e entrevistas que se desenvolveram nos encontros do Grupo Tutorial sobre Saúde da População em Situação de Rua, realizadas por discentes segundo período do curso de graduação em Medicina, sob a modalidade remota, sob a orientação de docentes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - campus de Macaé, como parte da disciplina Saúde da Comunidade II. Durante os encontros virtuais, o grupo de tutoria teve a oportunidade de ler artigos, debater sobre políticas públicas voltadas às pessoas em situação de rua, e realizar entrevistas com profissionais da saúde que atuam nos acolhimentos e atendimento desse grupo, permitindo a formatação de uma abordagem multidisciplinar sobre a perspectiva de cuidado a essa população, por meio da compreensão de suas vulnerabilidades e, portanto, do entendimento de suas demandas e necessidades.

As intervenções ocorreram no período de junho a setembro de 2021, por meio de encontros síncronos, remotos, realizados às segundas-feiras, além de atividades assíncronas (diário das tutorias, leitura de artigos, estudo sobre políticas públicas), que ajudaram na materialização de arcabouço teórico para os debates nas tutorias. Nesse sentido, as entrevistas foram analisadas pelo grupo de discentes, que refletiu sobre as respostas apresentadas para orientar a perspectiva pela qual versaria o estudo da bibliografia indicada para posterior materialização das reflexões através da escrita deste trabalho. Ademais, houve a entrevista com 1 pessoa em situação de rua, que, no momento, encontrava-se em albergue com seu filho, na cidade de Macaé.

Como critérios de inclusão, tem-se: profissionais que atuam diretamente com PSR como técnicos na atenção primária à saúde e pessoas em situação de rua.

O número CAAE do projeto é 53249921.9.0000.5699

Assim, houve uma intensa troca de saber entre os discentes, docentes e convidados, de forma a cristalizar, em cada um, novos saberes acerca dos direitos, das vulnerabilidades e do papel do profissional de saúde no contexto da população em situação de rua no Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, segundo Charles Darwin, um dos mecanismos fundamentais à seleção natural é a busca por sobrevivência a partir da luta pelo alimento. Nessa perspectiva, a incapacidade de obter a alimentação adequada se relacionaria, pois, às idiosincrasias limitantes do próprio ambiente. Portanto, neste contexto, a fome seria uma imposição ambiental, de modo que o animal homem seria passivo e, assim, sofreria com as intempéries e condições desfavoráveis. Todavia, com a constituição de sociedades mecânicas e, posteriormente, orgânicas, há a tecnificação da vida por meio da instrumentalização da natureza a fim de gerar uma vida confortável ao ser humano, de modo que este conseguiria, assim, driblar as adversidades climáticas e se fazer ativo, a fim de organizar os meios ambientais e sociais para promover a coesão do corpo social e garantir a continuidade da espécie. Desse modo, o ato de se alimentar, na espécie humana, adquire um caráter imperioso frente à simples determinação ecológica. Entretanto, durante o século XIX, com a intensificação das relações exploratórias trabalhistas e da lógica acumulativa do capital, a fome passou a ser, paradoxalmente, naturalizada, em meio a um contexto de grandes transformações paisagísticas e de avanços científicos;

parte desta aceitação decorre da aceitação das desigualdades sociais, da marginalização daqueles considerados sem produtividade e, portanto, “sem valor”.

Assim, é possível inferir que a fome e as diversas doenças causadas pela desnutrição foram - e são - negligenciadas até os dias atuais, uma vez que o preconceito, a visão mercadológica e a falta de esclarecimento estão arraigadas em parcela significativa do corpo social mundial, o que se reflete, por sua vez, no contexto brasileiro. Nesse cenário, a fome, infelizmente, manifesta-se como parte do cotidiano de milhões de cidadãos: conquanto a Carta Magna de 1988 assegure o direito à moradia, à cidadania, à alimentação, esses cidadãos têm seus direitos inalienáveis menosprezados e desrespeitados rotineiramente, em uma árdua jornada pela subsistência. Sendo assim, pode-se dizer que o dia a dia dessa população gira em torno de dois eixos: a busca por meios de sobrevivência, sobretudo por alimentos e locais seguros para o descanso; e a procura por trabalho formal ou informal para subsistir (Ghirardi MG, 2005). Nesse contexto, entre a população não abrigada, há o surgimento de diversas formas e estratégias na tentativa de conquistar alimento. Dentre estas, há maior destaque para: o recebimento de doações (instituições de caridade, particulares ou restaurantes), as quais, nem sempre, disponibilizam os recursos alimentícios nas condições adequadas de consumo; o permanecer próximo a locais que facilitem o acesso à comida, seja ela por recebimento ou por coleta direta em ruas, lixões e/ou outros locais insalubres; e a busca pelo restaurante popular (embora nem sempre essa população disponha de recursos suficientes para comprar pela refeição). Conquanto existam estratégias para tentar obter o “pão nosso de cada dia”, por meio, por exemplo, das possibilidades supracitadas, muitos desses indivíduos relataram ter passado fome, especialmente quando são recém-chegados à situação de rua, ou quando não dispunham de recursos para se deslocar até locais onde poderiam conseguir alimento. Nesse sentido, os depoimentos abaixo, extraídos de um artigo que analisa a perspectiva da população em situação de rua em Salvador, Bahia, explicita, por meio de uma abordagem micro, o macro e hediondo cenário da insegurança alimentar enfrentada por esse grupo no país:

*"Eu como pão do lixo, eu como o que eu acho no lixo, (...) não importa como 'teja'. (...) Hoje mesmo eu nem comi, eu vou comer coisa do lixo quando eu sair pra catar aí" (Entrevista com A., sexo feminino, 28/Ago/2009).*

*"Cê tá com fome (...), alguém comeu ali, largou uma quentinha, um pouco de comida, cê num [não] tá nem aí quem vai olhar assim, cê (...) come. Cê acha uma paradinha no chão, alguém pegou um pedaço e jogou, você come pra saber se vai fazer mal ou não; cê acha um alimento vencido no supermercado jogado no lixo, cê pega, cozinha, prepara e come, (...) acaba sendo uma situação que tudo aquilo que você encontra na rua é alimento" (Entrevista com Z., sexo masculino, 02/Set/2009).*

Ademais, é imperativo discorrer acerca da vilipendiação sofrida por essa parcela da sociedade. Infelizmente, as condições de vida, ou melhor, de sobrevivência da mesma é extremamente precarizada, marcada por violências, HIV/AIDS, abuso de tóxicos psicoativos, insuficiente higiene corporal e bucal, transtornos psíquicos e doenças dermatológicas e gastrointestinais. Estas últimas são corolários, direta ou indiretamente, da escassez de alimentos adequados para consumo, em conformidade com as normas de nutrição e vigilância da ANVISA. Desse modo, para não padecer e sucumbir pela fome, são ingeridas substâncias impróprias para serem designadas como refeição, e que, no entanto, são, muitas vezes, o único “prato” do dia. Em passagem literária de “*Grande Sertão: Veredas*”, Guimarães Rosa eterniza a definição do desespero por comida ao relatar o falecimento de um homem que, desesperado, ingeriu “*mandioca braba*”, isto é, venenosa, a fim de vencer a implacável fome:

*“Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criatura de Deus, que nu por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos, pôr da cabeça prejudicado. Foi assombro. A mulher, fincada de joelhos, invocava. Algum disse: - "Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos..." Não se achou graça.*

*Não, mas não comeram, não puderam. Para acompanhar, nem farinha não tinham. E eu lancei. Outros também vomitavam. A mulher rogava. Medeiro Vaz se prostrou, com febre, diversos perrengavam. -"Aí, então, é a fome?" - uns xingavam. Mas outros conseguiram da mulher informação: que tinha, obra de quarto-de-légua de lá, um mandiocal sobrado. -"Arre que não!" - ouvi gritarem: que, de certo, por vingança, a mulher ensinasse aquilo, de ser mandioca-brava! "*

Outrossim, o preconceito, a opressão e a vilipendiação sofridos por essa parcela da população caracterizam-se, também, como grandes entraves à sua alimentação, contribuindo para a perpetuação dos estigmas e, assim, para a hodiernidade do contexto de fome. Segundo R., ex-moradora de rua, mãe de L., que já havia tido filhos retirados de sua guarda pelo Estado e que, atualmente, reside em um abrigo, os moradores de locais próximos ao mesmo designam o lugar de ‘lixão’, de forma a descaracterizar a humanidade e as idiosincrasias de cada ser que, devido, frequentemente, a histórias repletas de cicatrizes, violações e opressões ocupam seu lugar de direito ao residirem no abrigo para, posteriormente, por meio de uma reestruturação de vida, possam ter seus próprios lares novamente. Tal perspectiva extremamente estigmatizante, contudo, consubstancia a visão pejorativa que a comunidade tem, em geral, desse setor da sociedade que, intensamente marginalizado, é invisibilizado, assim como suas necessidades mais básicas, como a alimentação.

Portanto, pode-se inferir que, infelizmente, a fome manifesta-se como realidade atemporal na nação brasileira, nas suas ruas e nos seus sertões, nas suas capitais e nos seus rincões.

## CONCLUSÃO

A partir das discussões em tutoria, da leitura de materiais indicados pelas professoras, do contato com as palestrantes, de pesquisas e debates, é possível concluir que, embora o Brasil seja um grande celeiro mundial, de modo a ter o agronegócio como forte pilar econômico, exportando alimentos para o mundo, a sua população tem fome. Há mulheres, idosos, homens e crianças que padecem por alimento. Há fome de comida. Há fome de moradia digna. Há fome de respeito. Embora legalmente protegidos pela Constituição, estão desprotegidos, ocupando ruas, calçadas, marquises, invisibilizados pelo preconceito social e descaso público. Dessa maneira, espera-se que as reflexões promovidas por meio dos encontros nas aulas de Saúde da Comunidade suscitem em mais do que teorizações, mas em ações efetivas contra a fome e contra a permanência desses cidadãos sujeitos às intempéries da rua. É fundamental o exercício da cidadania; além da ampliação de práticas como o ‘Consultório na Rua’ e arrecadação de alimentos, é imperioso cobrar das autoridades públicas mais que posicionamentos, mudanças estruturais na forma de ver, de cuidar e de promover saúde para essa população. Só assim, haverá novas formas de existir, acolher e viver para essa parcela tão negligenciada e que tem direito, e que tem fome, de dignidade. Dessa forma, cabe ao profissional da saúde ecoar o discurso final da entrevistada R.: ao afirmar que os vizinhos apelidaram o abrigo de ‘lixão’, ela afirma que ‘do lixão, nascem flores’. Que sejamos, pois, jardineiros, zelosos e atentos, plantemos sementes e cultivemos flores de tolerância, respeito e acolhimento aos cidadãos em situação de rua.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às minhas maravilhosas orientadoras, que acreditaram em mim e no meu sonho de lutar por uma perspectiva médica que existe, impreterivelmente, em serviço da vida e da dignidade humanas, sobretudo voltando-se para aqueles que mais carecem de cuidados; agradeço imensamente

pela entrevista concedida por R., que, sendo uma mulher, mãe e pessoa em situação de rua, disponibilizou mais do que seu tempo, abrindo parte importante de sua vida e autorizando (inclusive estimulando) que sua história fosse perpetuada, a fim de tocar corações, mudar mentes e promover transformações no mundo. Por fim, agradeço ao lindo trabalho da Dra. Evelyn Pereira, coordenadora da ONG Médicos do Mundo, e de toda a maravilhosa e inspiradora equipe do Consultório de Rua, bem como a todos que, com olhos de ver, não invisibilizam as dores que vemos na hodiernidade frívola da desigualdade, e que, todavia, ajudam a perpetuar a vida e o amor em ambientes marcados pela dor.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Magalhães; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/g7b5Pxr9Js8jDyXBRJTK4XL/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRASIL. Anvisa. Governo Federal. BIBLIOTECA DE ALIMENTOS. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/regulamentacao/legislacao/bibliotecas-tematicas/arquivos/biblioteca-de-alimentos>. Acesso em: 23 set. 2021.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. O que dizem as teorias sobre a fome? 2003. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/r9y7f/pdf/freitas-9788575412497-03.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Samira Rodrigues; BARROS, Denise Dias; GALVANI, Débora. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/jy8KmbSFtGXkdHsQcXkwgjy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (Pelotas). Universidade Federal de Pelotas. ÉMILE DURKHEIM – SOLIDARIEDADES. 2015. CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/transposicao/sociologia/files/2017/06/durkheim-solidariedades.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 4. ed. Brasil: Livraria José Olympio Editora, 1956. 602 p.

*Anais do IV CoBICET – Trabalho completo*

**Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**

27 de agosto a 01 de setembro de 2023

